

**A VISÃO DO MITO:
CONSTRUÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO MITO DE CHE A PARTIR DA
IMAGEM**

Francisco Tiago Rodrigues Freire

RESUMO

A imagem de Che Guevara foi e é amplamente reproduzida no mundo. Para alguns, a mais difundida; para outros, a segunda mais difundida ficando somente atrás da imagem de Jesus Cristo. Diante dos quarenta anos da morte de Che, o mito, dentro das diversas apropriações, serve como pano de fundo para incontáveis batalhas ideológicas que irrompem através das imagens. Dessa forma, cabe a imagem a materialização do mito e sua descrystalização nas diversas apropriações que vão desde a religiosidade popular até as passarelas do mundo *fashion*.

Palavras-chave: Che Guevara; Imagem; Mito; Identidade.

INTRODUÇÃO

Em 2007, mais precisamente em oito de outubro, fez quarenta anos da morte de Ernesto Che Guevara, o guerrilheiro que levou a revolução cubana ao lado de Fidel.

Para uns, Che é uma fonte de inspiração e exemplo, sobretudo em Cuba, a ser seguido por seus ideais e por sua determinação em combater o imperialismo¹ e erradicar a exploração sobre os povos latinos sobre os povos do mundo; para outros, Guevara é a afirmação do fracasso do regime socialista e exemplo ímpar da crueldade e da “barbárie” assassina que os regimes de esquerda podem promover.

Partindo mais propriamente da primeira conceituação feita sobre Che Guevara, do ícone associado à liberdade, em contraposição à opressão, decidi analisar a construção do mito e a importância e contribuição da imagem nesse processo bem como as posteriores propagações da imagem de Che e as disputas que se configuraram em torno dela.

O SURGIMENTO DA IMAGEM

Quando ouvimos o nome Che Guevara, geralmente o associamos à imagem tão famosa do guerrilheiro de cabelos longos, um pouco acima dos ombros, com barba que se confunde com o negro dos cabelos nos contornos do rosto e olhos no horizonte, um olhar convicto e sólido.

O surgimento dessa imagem parte de Alberto Korda, fotógrafo cubano que capturou a cena em Março de 1960. Korda fotografava para o jornal cubano *Revolución* e estava cobrindo um ato de protesto contra a explosão de um barco que matara 156 pessoas. Che, numa tribuna, ao lado de diversas autoridades cubanas, foi fotografado por Korda em uma tomada horizontal e outra vertical.



FIGURA 1 – Tomada horizontal feita por Korda.

“A particularidade da fotografia está em capturar aquilo que é tão imediato que quase escapa ao registro técnico”². Alberto Korda teve menos de um minuto para sensibilizar-se com a configuração da cena e capturá-la em sua espontaneidade.

A fotografia (em tomada horizontal) não se popularizou de imediato, antes passou por um italiano de nome Giangiacomo Feltrinelli que recortou as extremidades da foto e espalhou sua edição da imagem depois da morte de Che, em 1967, quando foi capturado em La Higuera.

Como podemos perceber, a partir do confronto da fotografia de Korda e, logo mais abaixo, da imagem apropriada por Feltrinelli, a ação de recorte das extremidades da fotografia funciona como um agente centralizador do olhar do expectador na própria figura de Che, ou melhor, em seu rosto. O campo de visão se torna mais circunscrito à face, notadamente expressiva, do guerrilheiro.



Tomando os cuidados necessários para não atar as imagens a meras ilustrações, acredito ser essencial carregá-las aqui, neste artigo, posto que em um momento ou outro será necessário recorrê-las para dar conta da historicidade da imagem de Che. No caso proposto, detectar a construção dessa imagem bem como suas diversas apropriações. Fica claro, portanto, que o caráter de semelhança não condiciona necessariamente o caráter da representatividade, possibilitando, assim, à imagem uma autonomia.

Em um terceiro momento da construção da imagem de Che, a participação de um artista foi sensível à propagação da imagem (e do mito) pelo mundo, Jim Fitzpatrick criou uma estampa em monotipia baseada na foto e disponibilizou-a para a livre reprodução. A imagem, caracterizada por duas cores, geralmente preta em fundo vermelho, ou preta em fundo branco, mantém as proporções intencionais de centralização do foco assim como fez Feltrinelli.

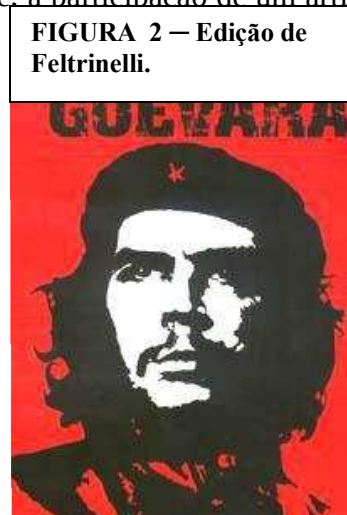


FIGURA 2 — Edição de Feltrinelli.

No entanto, a grande particularidade da imagem de Fitzpatrick é a composição dos olhos do guerrilheiro. Na fotografia de Korda, percebemos um olhar sólido, porém mais humano, mais perto do real. Já na imagem do artista, Che está olhando para bem distante, parece querer transcender o horizonte

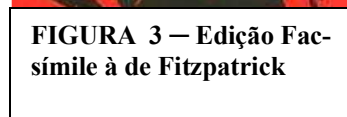


FIGURA 3 — Edição Fac-símile à de Fitzpatrick

e atingir o plano dos ideais. Há um ditado que diz que: “os olhos são a janela da alma” por tamanha expressividade que carregam. Com os olhos, podemos transmitir dor ou prazer, vivacidade ou tristeza; medo ou coragem, paixão ou ódio. O Che que olha acima do horizonte é o Che que nos transmite confiança; coragem, a vitória pelo olhar erguido.

A CONSTRUÇÃO DO MITO

Apesar da complexidade proposta, ao curso da pesquisa, questões dessa natureza foram surgindo: Aonde morre o homem e surge o mito? Até que ponto o mito “Che” faz uso de Ernesto Che Guevara ou se relaciona com este? Seria, portanto, possível dissociá-los?

A princípio, o mito parte de Ernesto Guevara de La Serna, Che Guevara, pois em vida buscou o fim da opressão dos povos pelo imperialismo, etapa final do capitalismo como

afirmava Lênin. Aliás, Che era conhecedor, dentre outras, das obras de Marx, Engels e Lênin, “foi um marxista-leninista convicto”³. Em seus discursos e seus atos como revolucionário existe a constante preocupação com a unificação das massas, orientadas por uma vanguarda, a fim de transformar o Estado em um bem comum para o proletariado como está presente em sua carta à Fidel quando deixa Cuba para aventurar-se no Congo: “Não deixo a meus filhos e minha mulher nada de material e não me culpo: me alegro que assim seja. Que não peço nada para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e educar-se”⁴.

Durante o tempo em que passou na ilha, na pós-revolução, Che empenhou-se sobremaneira em consolidar o projeto socialista em Cuba, em fazer a ilha auto-suficiente, na medida do possível, pela indústria, pelo campo e como um todo. O Socialismo e o Homem novo em Cuba, publicado em 1965, ilustra a idéia das questões ontológicas que permeiam a construção do novo homem, forjado em valores e ideais que proporcionassem a ruptura com a mais valia e com interesses de exploração capitalistas. Para Guevara “o partido deve dar exemplo, por meio de seus militantes e esse exemplo, deve ser de dedicação e sacrifício”⁵.

Na medida em que o triunfo da revolução espalha-se pelo mundo, igualmente ganha visibilidade a figura de Che Guevara. Para Jean Paul Sartre “Che foi o ser humano mais completo de nossa época”. Se os alicerces fundantes do mito surgem ainda em vida, também é verdade que o mito se aprofunda e se concretiza com a morte. Se não surgem com a morte, mesmo que em sua idéia abstrata, é na morte que adquirem sua propriedade. O elo entre a imagem e o mito passa a existir quando a “imagem funciona como mediação efetiva”⁶.

O CRISTO DE VALLE GRANDE

Quando capturado em Valle Grande, na Bolívia, Che Guevara encontrava-se magro, havia emagrecido cerca de dez quilos desde que se lançara na guerrilha, com cabelos maltratados e barba cerrada, um maltrapilho ferido pelo combate que dispersou o grupo guerrilheiro em pequenas formações na



FIGURA 4 — Corpo de Che exibido na lavanderia do hospital Nuetro Señor del Malta.

emboscada que ocorreu na quebrada Del Yuro. Executado, seu corpo foi colocado em uma lavanderia no Hospital Nuestro Señor del Malta onde tiveram o cuidado de ajeitar-lhe os cabelos, a barba e limpar seu rosto de modo que fosse visível que quem jazia ali era Che Guevara. A necessidade da CIA — e dos Estados Unidos — de mostrar ao mundo que o guerrilheiro estava morto pelo que defendia e que servisse de exemplo para todos aqueles que quisessem ou pensassem em fazer o mesmo, ir contra o imperialismo, foi o que levou a exibição de seu corpo como troféu. Antes de qualquer coisa, queria-se mostrar a vitória. Para Jorge Castañeda, o exército boliviano cometeu somente um erro: “transformou o revolucionário resignado e encurralado, o indigente da quebrada Del Yuro, vencido por todos os preconceitos da lei, envolto em trapos, com o rosto sombreado pela fúria e a derrota, na imagem do Cristo que sucede a morte. Seus verdugos deram feição, corpo e alma ao mito que percorreu o mundo”⁷.

A analogia ao Cristo, acredito, foi inevitável. A configuração da fotografia que mostra o corpo de Guevara nos mostra a representação física do flagelo de Deus, cercado por seus algozes. Os olhos abertos de Che, vivos, transmitem a serenidade que a religiosidade, sobretudo a popular, tanto preza. Che morreu pelos camponeses pobres bolivianos, que naquele momento, não reconheceram seu Salvador. Temos aqui, um drama bíblico. Ao contrário do que os carrascos de Che tentaram, a imagem de sua morte apenas serviu para disseminar o mito apoiado agora em um forte valor cristão: o sacrifício.



FIGURA 5 — Semelhança entre Che e Cristo.

É, portanto, com a morte de Ernesto Che Guevara que o mito se propaga e se concretiza. É nesse ponto que, literalmente, morre o homem para dar lugar ao mito. Fidel Castro, ao anunciar oficialmente para uma multidão concentrada na Praça da Revolução, exaltou:

Se nós quiséssemos expressar como aspiramos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes e nossos homens, devemos dizer sem vacilar: que sejam como Che! Se desejarmos expressar

como queremos que sejam os homens das futuras gerações, devemos dizer: que sejam como Che! Se nós quiséssemos dizer como queremos que nossas crianças sejam educadas, devemos dizer sem hesitação: queremos que elas cresçam no espírito de Che! Sim, queremos um modelo de homem que não pertence a esse tempo, mas ao futuro. De coração, digo que esse modelo, sem mancha na sua conduta, em sua atuação, esse modelo é Che! E quando falamos em internacionalismo proletário, se for necessário buscar um exemplo, esse exemplo é Che!⁸.

O discurso de Fidel enaltece o companheiro morto. Para além dessa intenção, figura o mito. Em Cuba, Che Guevara tornou-se um herói da revolução, presente no mito de origem que, por sua vez, se faz presente no imaginário coletivo. Segundo José Murilo de Carvalho:

A elaboração do imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas de modo especial, o coração, isto é, as aspirações e os medos e as crenças de um povo” e prossegue Murilo: “é nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro⁹.

O mito adquire, por excelência, um caráter pedagógico. No tocante a essa afirmação, meu intento é de perceber a importância da imagem na propagação e assimilação do mito.

A imagem é dotada de uma capacidade de poder ser simples, de fácil leitura ao usar sinais universais. Se pararmos um instante para voltar àquela imagem-ícone de Che, perceberemos que o uso de duas cores facilita a interiorização do símbolo, a facilidade da leitura da forma abre as portas para a leitura do conteúdo. Mas o simples fato de estampar o rosto de um homem e sintetizá-lo não é o suficiente, até porque “se a imagem não se estrutura enquanto representação apenas por ser semelhante ao objeto, o que a constitui? Uma resposta possível estaria em afirmar que a imagem representa, pois tem a capacidade de referência”¹⁰.

É essa a grande contribuição que a imagem dá ao mito, no caso, a imagem originada a partir da fotografia de Korda, a capacidade de gerar referências. Quando se vê a imagem de Che, o indivíduo minimamente conhecedor de sua história e sua importância o associa logo a “revolucionário”. Claro que a via dessa referência passa pelo capital cultural desse indivíduo posto que não posso servir de referência para alguém se esse alguém não me conhece ou, independente do motivo, é incapaz de me associar com algo que seja singular a mim ou que seja, a mim, um hiato. Enfim, uma referência por proximidade ou por distanciamento.

Coube a imagem-ícone de Che a materialização do mito. Os grupos de esquerda repousam sob ela porque se identificam nela, vêem nela a não aceitação do sistema capitalista, vêem a liberdade; vêem a convicção de seus ideais. Para os religiosos que devotam orações ao “Santo Ernesto de La Higuera”, o processo é o mesmo, senão é o mesmo, é bem parecido. Os devotos se identificam com a imagem porque se identificam com a fé. O que diferencia um caso do outro é a apropriação que se faz da imagem.

A PROLIFERAÇÃO DA IMAGEM

Uma das coisas que muito me atraiu ao trabalhar com a imagem de Che, foi sua proliferação. A ocorrência da imagem em um período de um mês foi quase diária. Acredito que os poucos dias que ela não passou por mim podem ser descontados nas vezes com que me deparei com ela quatro, cinco até mais vezes no mesmo dia. Vale notar que esses dias não foram poucos. É digno de nota também, que sou distraído.

Pois bem, a essa proliferação da imagem de Che, me deparei com o seguinte problema: Na proliferação, há a preservação do mito? Para Ginsburg, de modo geral “é fácil objetar que a diferença entre as variações singulares do mito, e, sobretudo entre os contextos singulares em que o mito irrompe e age, é grande”¹¹. De fato, não há o que negar. Apenas para citar um exemplo, temos Zeus e Júpiter na cultura grego-romana. Por analogia grosseira, poderia dizer que a variável no mito é sua cobertura, já o seu núcleo; a camada interna permanece, *a priori*, intacta. É essa camada interna que guarda os signos do mito e a sua não violação o preserva como tal. Mas o que dizer da imagem enquanto canal que proporciona a materialização do mito? “A imagem caracteriza-se por proliferar-se sem que haja um horizonte que limite sua ocorrência”¹². Neste sentido, acredito que a imagem tem o poder de violar essa camada interna do mito. Vejamos a seguir algumas imagens de Che:



Figura 7. Che Guevara judeu



FIGURA 6 – Che Guevara palestino.

O Che Guevara palestino e o Che Guevara judeu estão intimamente ligados com o mito ou as imagens que vemos são independentes do mito? Primeiro, o fato de que ambas as imagens não quebram com o vínculo da forma em que se apóia o mito não pode ser desprezado. Desconsiderando, por um instante, as particularidades da figura, o que torna o Che Guevara palestino na primeira imagem não é nada mais que o turbante, que notadamente não chega a cobrir a estrela vermelha na boina. O Che judeu, esteticamente mais fidedigno à imagem-ícone, possui uma particularidade imperceptível, a estrela que ostenta não é outra senão a estrela de Israel. A apropriação da imagem nos dois casos não viola por completo o núcleo do mito, porém não o materializam em toda sua extensão e significado, do contrário, acabam por incorporar novos signos, novos valores. As duas imagens estão em um interstício entre o signo original e um novo significado de fundo religioso e político: de um lado o Che palestino adere ao Islã; do outro, o Che judeu legitima o estado de Israel e por tanto, a designação da “Terra Prometida” por Deus ao povo Hebreu. Para completar a discussão, note que o Che palestino está vestido com uniforme militar, é um soldado palestino o que vemos.

Se a imagem foi decisiva na construção do mito, ela também pode ser de grande importância em sua desconstrução ou sobreposição de signos de tal modo que o mito original seja ameaçado e permaneça sitiado nas batalhas por sua descontinuidade. É o que está acontecendo com Che. Alberto Korda não cobrou quaisquer *royalties* pelo uso da imagem, pelo contrário, não se intercalou entre a fotografia e sua livre reprodução. Korda, antes que pudesse cobrar pelo uso da imagem, acreditava nos ideais de Che e por isso nada quis de material pela fotografia. Da mesma forma que agiu Korda, agiram Feltrinelli e FitzPatrick e o que vemos hoje é uma disputa ideológica ao passo que, muitas vezes, configura-se também como mercadológica em torno da imagem. É nesse contexto que está situado o possível rompimento completo da imagem com o mito Che. Essa ameaça ganha forma com o sistema capitalista, na sua capacidade de transformar praticamente qualquer coisa em produto de mercado, em produto vendável; em



FIGURA 8 — Che estampado em Biquíni .

objeto de desejo para as sociedades de consumo, inclusive a imagem do Che. Hoje, grandes grifes lucram quantias exorbitantes com blusas, bolsas e biquínis que trazem a imagem de Che Guevara. Os usos da imagem são os mais diversos possíveis.



FIGURA 9 — Che em garrafa de vinho ao lado de “grandes personalidades”.



FIGURA 10 — Decoração de banheiro, Tema: Che.

As fotografias que se seguiram dão conta de como vem se aplicando esse processo de desconstrução do mito a partir da imagem em várias instâncias. Nas passarelas, Gisele Bündchen desfila no lançamento da Coleção “Che” de Verão da Companhia Marítima; a outra imagem mostra Che comercializado em uma garrafa de vinho ao lado de Hitler, Mussolini e entre Roosevelt e Kennedy. A última lança Che Guevara como decoração de banheiro. Essas imagens dissecam a materialidade que o mito expressa na imagem-ícone e preenchem-na com o vazio, desmembram o conflito passado ao colocar Che Guevara entre Presidentes Estadunidenses, em suma, retiram sua identidade.



FIGURA 11 — Capa da Veja de Outubro de 2007.

Dando prosseguimento a dessacralização do mito, a revista Veja fez um discurso incisivo sobre a necessidade de desconstruir o mesmo. Como podemos ver em sua capa da edição de Outubro de 2007, em data dos quarenta anos da morte de Che, a revista expressa uma visão liberal sobre os movimentos de esquerda, na medida em que deve se aniquilar as particularidades e as identidades para se globalizar, propondo um basta “A Farsa do Herói”. Em linhas gerais a revista afirma que a vida do guerrilheiro foi uma série de fracassos e que o socialismo já está mais do que vencido a exemplo da arquejante Cuba. É importante abrir um parêntese para expor que as fundamentações do artigo que “desmarcara” o guerrilheiro são ancoradas em cubanos exilados nos Estados Unidos. Ainda sobre a revista, interessa saber que a Veja que hoje nega o mito, dez anos atrás o reconhecia e não o criticava. A globalização precisa uniformizar todos os cantos do mundo, acabando com as particularidades e com a identidade dos povos; cultivar a memória não como instrumento de

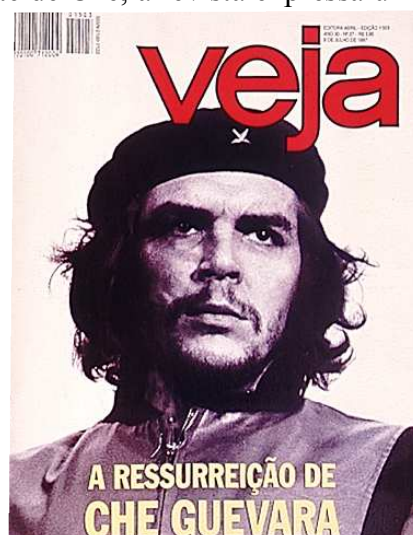


FIGURA 12 — Capa da Veja de 1997.

resistência e sim como objeto vendável. Para tanto, a ação de combate a influências negativas precisa ser paulatinamente aplicada.

A imagem com que encerro a discussão sobre as incursões de descrystalização do mito de Che Guevara é sobremaneira objetiva. A postura assumida pela imagem, em sua intenção, é clara e se busca como tal graças às propriedades cognitivas da imagem, debatidas anteriormente.



FIGURA 13 — Imagem propondo a morte do mito.

A imagem acima parte da semelhança com a imagem-ícone e apresenta Che encarnando a face da morte. Se sua forma é clara, seu conteúdo também não fica por baixo, o autor da imagem quer mostrar que Che Guevara está morto e chega até mesmo a dizer por escrito. Se as imagens anteriores buscavam profanar o mito e, timidamente evidenciar, através da profanação, a humanidade de Che, esta reduz a simplicidade o complexo de apropriação do conteúdo. Ao expressar através da imagem da morte essa profanação, ela transmite diretamente a hermética unidade de sentido que carrega. Como se não bastasse o êxito visual, a imagem incorpora uma inscrição, “*Che is Dead- Get Over It!*” (Che está morto — é isso!) que age como um reforço legitimador: “normalmente, uma inscrição num quadro age como um acréscimo; funciona como um nome próprio”¹³.

A morte possui o signo do fim. Se Che está morto então vale supor que seu legado e a estrutura das crenças que se compuseram a partir do mito, estarão fadadas ao mesmo, no mínimo seriam abaladas com a quebra da pedra primal sobre a qual se construíram.

CONCLUSÃO

As disputas em torno da imagem pelo mito denunciavam apenas uma linha na complexa trama que envolve Che Guevara e tudo o que ele representa.

As ações contra modelos igualitários e uma nova forma de organização social, de descentralização de poder e distribuição de riquezas, adentram os mais variados campos de batalha. O mito Che é dissecado na mesma proporção em que é vendido enquanto imagem. Mais porque a preocupação com a desmitificação não somente de Che, mas de outros heróis do panteão da esquerda? Uma resposta possível seria porque o mito Che Guevara representa uma ameaça a essa vigência. Che, por si só representa, para a esquerda, a insubordinação e a não aceitação do capitalismo, o que dizer então do mito quando ancorado nos setores populares? Em um de tantos exemplos, valeria citar um grupo de pessoas que se forma e, cansados da exclusão, resolvem ocupar a terra e daí origina-se a Comunidade Che Guevara, nos arredores de um bairro, o Barroso, em Fortaleza. Outra resposta seria as bibliotecas e escolas que levam o nome de Che. O Movimento dos Sem Terra — MST, segundo a Veja, a mesma que afirma a “Farsa do Herói”, ao “assentar-se” na Universidade, incorpora valores que se contrapõem ao ideal cívico: “O 7 de Setembro, em que se celebra a Independência do Brasil, foi transformado no ‘dia dos excluídos’. Adoram-se dentro e fora da sala de aula — Che Guevara e Karl Marx”¹⁴.

Talvez por detrás dessa campanha de destruição do mito esteja o medo da “revolução”, da perda do poder. Se o mito de Che é tão arduamente combatido é porque se reconhece nele uma significância que não é desprezível, o mito tem que ser reconhecido para poder ser negado. A resistência se faz, sobretudo por duas grandezas, pela memória e pela imagem, “Assim também nós opomos à decomposição da morte a recomposição pela imagem”¹⁵.

Por fim, se não a melhor forma de encerrar este artigo, mas a que se apresenta mais concreta na espontaneidade do imediato, escolhi um refrão de uma ladainha cantada por devotos bolivianos para “Santo Ernesto de La Higuera” pela força de sua expressão ao tratar de Che, do Mito: “Che Guevara não morreu, não morreu, aleluia”.¹⁶ Através da imagem se luta. Por sua memória, nem sempre.

NOTAS

- ¹ Sobre o termo imperialismo, entendê-lo como modelo e prática políticos a fim de se projetar a expansão de um país, de economia capitalista “avançada”, sobre outros intervindo por vias econômicas, culturais e mesmo por intervenção belicosa (a exemplo recente da Guerra do Iraque e a intervenção no Afeganistão). Ainda, segundo o modelo definido por Lênin, a palavra final do termo designador da “mais nova evolução do capitalismo” seria o monopólio, por sua capacidade de concentração de produção e, a partir dessa forma de concentração, novas formas de relações sociais e de trabalho onde os meios de produção estariam condicionados as negociações entre grandes empresas, indústrias e, por fim, aos interesses econômicos de seus países. Cf. LENINE, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*. Zurique, [s.n] 1916. p. 7-17.
- ² JÚNIOR, Eduardo Neiva. *A Imagem*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 66.
- ³ GOMES, Morgana. *A Vida e o Pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Minuano, p. 24.
- ⁴ Id. Ibidem. p. 29.
- ⁵ GOMES, Morgana. *A Vida e o Pensamento de Che Guevara*. op. cit., p. 40.
- ⁶ DEBRAY, Régis. *Vida e Morte da Imagem. Uma História do olhar no ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993, p. 14.
- ⁷ CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: A Vida em Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.13.
- ⁸ GOMES, Morgana. *A Vida e o Pensamento de Che Guevara*. op. cit., p. 35.
- ⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 p. 10.
- ¹⁰ JÚNIOR, Eduardo Neiva. *A Imagem*. op. cit., p.11.
- ¹¹ GINSBURG, CARLO. *Mitos Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 217.
- ¹² JÚNIOR, Eduardo Neiva. *A Imagem*. op. cit., p. 13.
- ¹³ Id. Ibidem. op. cit., p. 8.
- ¹⁴ Revista Veja. [s.l.]: Abril, ano 40, nº 39, out./2007. Semanal.
- ¹⁵ DEBRAY, Régis. *Vida e Morte da Imagem. Uma História do olhar no ocidente*. op. cit., 30.
- ¹⁶ ERNESTO “Che” Guevara: Homem, Companheiro, Amigo... Documentário. Produtor: Oceano Vieira de Melo. Curadoria e textos: Fernando Brito. Tradução: Carla Vercesi. Design: Daniel melo. Autoração: Daniel melo. Codificação: 16:9 Tecnologia. 1 DVD (104 min.), Son, Color.